

# Medo não pode impedir crescimento, diz FHC

Na abertura da Cúpula de Madri, presidente critica guerra obsessiva ao terror e protecionismo

LU AIKO OTTA  
Enviada especial

MADRI – O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que a obsessão das grandes potências com o terrorismo impede qualquer discussão sobre a redução das desigualdades no mundo – uma clara referência aos Estados Unidos, que ele não citou especificamente.

O presidente conclamou latino-americanos, caribenhos e europeus a se unirem para mudar a agenda do debate mundial, revitalizando o trabalho “para a paz e o progresso”. Essa foi a principal linha do discurso que fez na cerimônia de abertura da 2.ª Cúpula União Européia-América Latina e Caribe. “Podemos e devemos atuar juntos para prevenir riscos que nos afetam igualmente”, afirmou.

“Compreendemos as reações, mais que justificadas, às ameaças do terrorismo e do uso de armas de destruição em massa”, afirmou. “Mas não queremos que, movidas pelo medo, as grandes potências substituam a agenda da esperança – o comércio aberto, uma nova arquitetura financeira, a luta contra a pobreza e a exclusão social e cultural – pela obsessão única do tema da segurança.”

Fernando Henrique disse que a aproximação entre Europa e América Latina e Caribe terá seu peso na configuração da ordem mundial do século 21, sem monopólios do poder ou da riqueza”. As duas regiões, lembrou, têm uma vantagem comparativa no aprofundamento dessa associação, que é a herança histórica e cultural comuns. “Está diante de nós a tarefa de construir uma cidadania planetária”, afirmou.

Em seu discurso, Fernando Henrique reiterou suas críticas ao protecionismo, mostrando que o uso da medida por parte dos países ricos atrapalha a busca por um mundo menos desigual. Na sua avaliação, o protecionismo foi condenado quando utilizado pelos países em desenvolvimento, mas depois transformou-se num instrumento de “defesa dos privilégios dos mais ricos”. Nessa linha, o sistema internacional chegaria ao ponto em que “a melhor forma de ser competitivo seria, pura e simplesmente, ser rico”.

O presidente afirmou que os países em desenvolvimento se deparam com barreiras “intransponíveis a seus produtos mais competitivos”. Elas aparecem na forma de subsídios agrícolas, sobretaxas industriais, picos e escaladas tarifárias, medidas discriminatórias, cotas.

O protecionismo e as práticas desleais de comércio, disse Fernando Henrique, “continuam a comprometer as perspectivas de desenvolvimento em muitos países”. Ele ressaltou que a globalização tem produzido efeitos assimétricos pelo mundo. Desde a realização da 1.ª Reunião de Cúpula, em 1999, no Rio de Janeiro, registrou-se um crescente descontentamento com a globalização, avaliou Fernando Henrique.

O presidente se mostrou preocupado com o fato de o aumento do protecionismo estar colocando em xeque o espírito de fortalecimento das instituições multilaterais que marcou a rodada de negociações da Organização Mundial do Comércio (OMC) em Doha, em 2001. “Valorizemos a instância multilateral, ora ameaçada pelo crescimento indiscriminado do bilateralismo e do regionalismo”, pediu o presidente. “Trabalhemos juntos na OMC para que a rodada de Doha resulte efetivamente em uma transformação qualitativa do comércio internacional e conduza a disciplinas voltadas para o desenvolvimento sustentado. Sem discriminações. Sem exclusões voluntaristas.” Em seu discurso, Fernando Henrique lembrou que o objetivo dos países participantes daquela reunião deveria ser buscar formas de melhor distribuir os benefícios dos avanços tecnológicos e de alcançar o desenvolvimento sustentado. O grande desafio é traduzir esses princípios em ações concretas.



FHC posa para foto oficial da cúpula que reúne em Madri os chefes de Estado e governo europeus, latino-americanos e caribenhos